



A DIVERSIDADE INTERDITA

Ricardo Calixto Azevedo¹

Resumo: Discutir as temáticas de gênero e sexualidades é um grande desafio principalmente através de uma representação cênica que relacione lixo e educação. O lixo aqui é entendido etimologicamente como *lixius*, “água ou objeto sujo”, ou seja, quais objetos ou subjetividades são considerados sujos na discussão de gênero e sexualidades? Nesse sentido, a partir do diálogo com os estudos culturais, feministas e da sociologia da infância, este trabalho se propõe a problematizar trechos de poemas utilizados na encenação denominada “A diversidade interdita”, relacionados às temáticas: educação, gênero, sexualidade, lixo e diversidades.

Palavras-chave: Sexualidades, Olhar, Educação, Encenação, Diversidade.

Um monólogo interdito

O presente artigo se propõe a problematizar o monólogo intitulado “A Diversidade Interdita” tendo em vista as temáticas: gênero, lixo, sexualidade, diversidade e educação.

Por monólogo entende-se:

Termo empregado em duas acepções diferentes. Primeiro, como sinônimo de solilóquio, ou seja, como verbalização do que se passa na mente do personagem, seja relato, expressão de emoção, reflexão ou decisão. A segunda acepção refere-se a um tipo de peça de teatro estruturada em torno de um único personagem. (VASCONCELLOS, 1987, p.132)

A proposta inicial é a de que em um ambiente qualquer, onde estiver sendo realizada uma formação de professores/as e/ou profissionais da educação, um seminário, um encontro, ou seja, espaços delimitados e destinados a esse tipo de evento, com a presença do referido público. Enfim, qualquer evento envolvendo esse público ligado direta ou indiretamente à educação. Neste caso, um mendigo adentraria esse local, fielmente caracterizado, sem que ninguém na plateia ou apenas algumas pessoas

¹ Especializando em Educação pela Universidade Federal de Lavras (UFLA) e membro do Grupo de Pesquisa: Relações entre a filosofia e a educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro.

soubessem que se tratava de uma encenação. Essas, por sua vez, auxiliariam nessa intervenção para gerar maior veracidade na encenação.

A intervenção cênica deveria conter a maior proximidade com a realidade, de maneira que as pessoas não suspeitassem da encenação para assim, produzir as mais diversas reações em todas as pessoas presentes. E, a partir dessas reações é que se pretende buscar as relações inicialmente estabelecidas, entre o lixo e a educação; lixo neste caso, incorporado pelo mendigo e, intencionalmente, possibilitando desencadear as temáticas: gênero, lixo, sexualidade, diversidade e educação.

Essa proposta nasceu diante da solicitação da criação de um monólogo para apresentação em um Seminário de Educação de uma cidade do sudeste de Minas Gerais. A partir dessa criação este monólogo sofreu alterações em seu enredo com o objetivo de adequá-lo às temáticas de gênero e sexualidade. Agora, já com o propósito de uma apresentação em uma cidade do sul de Minas Gerais, sede da realização do Fórum Sul Mineiro de Educação Infantil, no ano de 2011, onde já com a nova configuração, trouxe a inclusão de textos que pudessem gerar a discussão das referidas temáticas.

Em seguida, foi feita a encenação do monólogo para educadores/as que atuam em instituições de Educação Infantil de um município do sul de Minas Gerais, já em outra cidade, onde, no decorrer do ano de 2011, foi desenvolvido o curso de extensão “Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil²”, que teve como objetivo trabalhar questões recorrentes no cotidiano escolar, sobretudo, aquelas relacionadas às temáticas de gênero e sexualidades.

A Interdição em contexto

Neste contexto serão abordados os seguintes aspectos: relações que se pode estabelecer entre a diversidade, a educação, o mendigo e o lixo, e posteriormente, as temáticas das sexualidades; em seguida destacarei a importância que o olhar representa numa cultura que naturaliza os comportamentos e pensamentos.

Tanto a escola como a própria educação tem um importante papel na discussão das identidades culturais e das diversidades ou diferenças. Identidades aqui entendidas como nos coloca Tomaz Tadeu da Silva (2000):

² Coordenado pela Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro e por integrantes do grupo de pesquisa “Relações entre a Filosofia e Educação para Sexualidade na Contemporaneidade: a Problemática da Formação Docente”, do Departamento de Educação/UFLA.

De acordo com a teorização pós-estruturalista que fundamenta boa parte dos Estudos Culturais contemporâneos, a identidade cultural só pode ser compreendida em sua conexão com a produção da diferença, concebida como um processo discursivo. (apud FURLANI, 2007, p.1)

No ambiente escolar somos constantemente “convidados/as” a assumirmos um “modo de ser masculino” e um “modo de ser feminino”, um “modo de ser” naturalizado, e interiorizado nos comportamentos que norteiam o espaço da escola. É importante colocar que “todo processo e toda dinâmica de formação de identidades refere-se à existência de um “outro” (que não sou eu, que é diferente de mim). O que torna identidade e alteridade componentes inseparáveis”.(FURLANI, 2007, p.2)

Quando Guacira Louro (2000) afirma que: “a linguagem é componente central nos processos sociais de construção da sexualidade” (apud FURLANI, 2007, p.3) podemos ampliar essa afirmativa dizendo que as linguagens constituem os discursos que podem interferir na construção do “eu” e do “outro”, do “eu” e da “alteridade”. Nesse sentido, que construções podem ser feitas a partir do discurso do mendigo, do lixo e da educação? Que relações se pode estabelecer entre eles?

Sendo que a noção de discurso aqui é oriunda de Michel Foucault (1993) e corresponde as premissas conceituais genéricas que geralmente caracterizam instituições (médica, religiosa, pedagógica, midiática) ou correntes de pensamento (epistemes) e seus enunciados (como aqueles que compõem o machismo, a xenofobia, a homofobia, o sexismo). (FURLANI, 2007, p.3)

Além dessas definições, o que devemos buscar na verdade? Que significados estas palavras poderiam representar na discussão das temáticas de gêneros e sexualidades, na discussão da diversidade, na discussão do olhar? Que assuntos ou situações, pensamentos ou palavras, podem ser ditos ou não ditos, podem ser ampliados ou não ampliados? Que discursos podem ser produzidos ou ocultados no dia-a-dia da escola, no dia-a-dia da educação? E para aquilo que não é dito, para aquilo que é interdito, que significações assumem?

Sexualidades e alteridades interditas

Problematizar as sexualidades assume ares de interdição tanto quanto um mendigo ser portador de sabedoria, ser portador de um discurso. Problematizar as naturalizações de comportamento é tão silenciado como tornar sábio um mendigo. Como tornar o seu discurso valioso, importante. O discurso é controlado como diz Michel Foucault:

(...) suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

(...) O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um enfim não pode falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2010, p.8 e 9)

Em nossa sociedade como aponta Michel Foucault existem diversos procedimentos de exclusão, de interdição. E ele aponta três deles como sendo o tabu do objeto, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala. Que se relacionam como uma rede de relações, como uma teia. E as regiões onde essa rede, onde essa teia é mais densa, mais fechada, são as regiões que permeiam a sexualidade e a política.

como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder (FOUCAULT, 2010, p. 9 e 10)

Entender a intervenção do mendigo nesses espaços outrora mencionados é entender o mendigo como habitante dessas regiões densas, dessas regiões de onde ele é silenciado. Mas que necessitam ser problematizadas.

Sendo assim, é necessário que se possa trazer à tona duas palavras que desempenham uma grande importância para a presente problematização. São elas “mendigo” e “lixo”. A palavra “mendigo” vem do latim *mendicu*, e pelo dicionário Aurélio (1988, p.427), significa “*aquele que pede esmola para viver; mendicante, pedinte, esmoleiro*”. Mendigo também tem sua origem de menda, “*quem tem defeito físico*”. Como esta ocorrência em épocas antigas implicava em que a pessoa não teria meios de ganhar bem a vida, o significado adquiriu a conotação de “pobre” e depois a de “pessoa que vive de caridade”³.

Para falar do lixo na educação será necessário explicitar algumas conceituações referentes a esse termo. A palavra lixo, que na definição do Dicionário Aurélio diz o seguinte:

Lixo é: 1. Aquilo que se varre da casa, do jardim, da rua, e se joga fora; entulho. 2. Tudo o que não presta e se joga fora. 3. Sujidade, sujeira, imundície. 4. Coisa ou coisas inúteis, velhas, sem valor. 5.

³ No site <http://origemdapalavra.com.br>

Resíduos que resultam de atividades domésticas, industriais, comerciais, etc.(Dicionário Aurélio, 1988, p.398)

Em poucas palavras a definição explícita que lixo é algo que não tem nenhuma utilidade, importância ou valor. Na sua origem a palavra lixo é derivada do latim e a literatura apresenta duas versões: a primeira vem da “lixius” que significa “água ou objeto sujo” e a segunda vem do termo “lix” que significa "cinza".

Para Tomaz Tadeu Silva (2000) “a identidade e a diferença são tão indeterminadas e instáveis quanto a linguagem da qual dependem” (apud FURLANI, 2007, p.8). Por isso, no processo de significação tanto o lixo quanto o mendigo estariam na proximidade de relações mútuas sendo relegados a viverem nas regiões intrincadas, silenciadas. Como algo que por sua sujeira, sua imundície e sua inutilidade “naturalmente” deveria ser excluído do convívio das pessoas. Assim, a sociedade normativa buscaria estabelecer as mesmas relações para tudo aquilo que fugisse às normatizações e naturalizações de comportamentos e pensamentos. Relegando ao isolamento as problematizações referente às sexualidades, ao gênero, à diferença, a alteridade e ao posicionamento que a educação poderia assumir nessas relações.

O mendigo, sob dois aspectos: primeiro como proposta de encenação e segundo como uma verdade para muitos, atuaria como resistente ou transgressor no sentido de trazer à discussão sua própria existência como identidade cultural, como também, aclarar ao que a ele lhe é relacionado ou submetido simbolicamente, que são as temáticas em questão: diversidade, gênero e sexualidades, educação, alteridade.

Entender que como o mendigo que promove a intervenção nos espaços escolares, nos espaços pedagógicos, as temáticas acima apresentadas também devem exercer essa intervenção. Também devem atuar como resistências e transgressoras das naturalizações discursivas.

Essa possibilidade de transgredir a lógica de qualquer sistema conceitual é garantida pela própria existência do monstro que atuaria e se caracterizaria pela constante resistência e desaprovação a qualquer tipo de limite ou fronteira; resistiria a qualquer tipo de finalização ou engessamento identitário. Trazendo tais ideias para as discussões recentes acerca das sexualidades e dos gêneros é possível questionar a restrição imposta pela tradição binária do pensamento ocidental, que considera, na constituição dos sujeitos, apenas, ‘isto’ ou ‘aquilo’... No processo de construção das identidades é possível considerar, também, a conjunção aditiva ‘e’. A lógica do ‘isto ou aquilo’ dá lugar ao raciocínio que admite ‘isto E aquilo’ (FURLANI, 2007, p.6)

Neste caso, a alteridade está sendo produzida por nós, pelo que sabemos, pelo que construímos para dar significados a essa alteridade. Em relação a infância Larrosa

diz que “A infância é algo que nossos saberes, nossas práticas e nossas instituições já capturaram” (LARROSA, 2006, p.184). Entender a infância, entender o mendigo, entender a alteridade, entender o outro, é antes de tudo um processo de (re)construção desse outro que se constrói e que é construído. Quando planejamos articular a ideia de “mendigo” e de “lixo”, construímos algo que a princípio deveria estar longe de nosso convívio, por ser sujo, descartável e se manter longe de nós.

Quando nos recusamos a discutir a criança, a diversidade, as sexualidades e o mendigo; quando ocultamos essas discussões; quando tentamos afastar de nós essas discussões, possivelmente elas assumem caráter de impuro, de sujo, de algo a ser descartado.

Assim acabam por tornarem-se invisíveis. E partir daí duas outras palavras assumem grande importância nessa discussão: a palavra visível e a palavra invisível, ou seja, a visibilidade e a invisibilidade, que do latim *invisibilis*, “o que não pode ser visto”, de *in-*, negativo, mais *visibilis*, de *videre*, “ver”. Discutir as sexualidades na escola, na educação, perpassa pelo ocultamento ou pela invisibilidade. Discutir a intervenção do mendigo pode nos levar a torná-lo invisível e inaudível. É comum, criar sempre as necessidades de se mudar de assunto, de reprimir essas discussões, de desviar o nosso olhar quando essas discussões aparecem. Torná-las invisíveis para afastá-las do foco.

Olhar interdito

Na origem do latim significa *adouculare* (aolhar, olhar, oulhar). Pelo dicionário temos vários significados dentro os quais cito alguns: fitar os olhos ou a vista em; mirar, contemplar; olhar de cara, encarar; pesquisar; observar; estudar; atentar ou reparar em; ponderar; dentre outras. Mas duas me chamaram a atenção por estar associado a palavras “julgar” e “interessar-se, ocupar-se”, onde podemos assim fazer um paralelo importante. O olhar como julgar e o olhar como interessar-se, ocupar-se.

Como julgar, nos remete às discussões acerca dos discursos produzidos em relação a infância, a diversidade, a diferença, ao que pode ser dito e ao que não deve ser dito. Um olhar como definidor das coisas as quais devemos dar importância ou relevância para as discussões. Um olhar que determina a distância do mendigo, que determina a distância das sexualidades, um olhar construído nas naturalizações.

Se tivermos esse olhar normativo que reafirma aquilo que se enquadra nos padrões sociais, construídos culturalmente, e um olhar interdito, que estabelece os limites e fronteiras que nos distanciam das discussões sobre a diversidade.

O primeiro passo para a (re)construir o olhar passa pela capacidade de reconhecer a alteridade como uma presença real e diferente de nós. “...de devolver à infância a sua presença enigmática e de encontrar a medida da nossa responsabilidade pela resposta, ante a exigência que esse enigma leva consigo” (LARROSA, 2006).

Diante dessa presença enigmática, que olhares destinamos a ela? Olhares de julgamento, de enquadramento ou olhares de interesse, de ocupar-se? Da infância à vida adulta estamos mergulhados numa construção cultural.

A partir dessas definições ou conceituações levantamos as discussões sobre o lixo na educação. Para tal iniciamos com a encenação feita onde um ator caracterizado de mendigo adentra num local onde diversas pessoas estão participando de um curso. Num primeiro momento há um impacto pela presença desse indigente, que causa medo, indignação, revolta, comoção e piedade. Até o momento em que esse mendigo emite poucas palavras a encenação se configura como possivelmente verdadeira, real. Porém a medida em que ele vai falando textos de Carlos Drummond de Andrade, Shakespeare, Rubem Alves, Jorge Larrosa Bondía, entre outros, a plateia então presta atenção em seu discurso.

Percebemos então que a discussão perpassa pela visibilidade e pela invisibilidade das pessoas e acontecimentos, o mendigo em questão não representa nada enquanto um ser que carrega esse estereótipo ou rótulo. E quando discutimos a educação infantil onde podemos encontrar esses rótulos que encobrem muitas vezes comportamentos e atitudes que não queremos ou que não vemos. Um filósofo argentino esteve no Brasil para dar algumas palestras, e ao entrar em um supermercado com seu filho pequeno, colocou-o dentro de um carrinho, e como sempre, retirou-lhe o sapatinho do pé direito, pois este sempre o perdia. Em poucos instantes ele se surpreendeu com a quantidade de pessoas que o abordavam informando que a criança havia perdido o sapatinho. Satisfeito com a preocupação das pessoas cariocas, resolveu comemorar tal feito com um bom vinho e uma boa leitura. Assim fez, mas no momento em que ia degustar o vinho, chegou até a janela e observando pela mesma identificou uma série de crianças fazendo malabares no semáforo. Foi então tomado de uma profunda angústia, pois pode perceber que de fato, as pessoas eram capazes de identificar a falta de um sapatinho, porém não eram capazes de ver as crianças nos semáforos.

Transferindo essas experiências para a educação, podemos identificar que muitos são os olhares, mas, muitas vezes, quase nada vemos da educação para as diversidades. Muitos são os olhares já formatados, já naturalizados, mas poucos conseguem ver além. A metáfora do mendigo nos traz questionamentos que são relegados para o interdito, que está interdito, sob interdição, situações e comportamentos que são relegados à obscuridade.

Quantas oportunidades de trazer à superfície discussões importantíssimas que não darão a solução, porém serão postas em debate. No sentido de ampliar a conceituação sobre a sexualidade na educação infantil. O mendigo que entra sem pedir licença, na verdade é a própria sexualidade que busca sua manifestação com mais liberdade. E sexualidade entendida aqui como toda a complexidade que envolve o ser humano, não a que restringe, muitas vezes, a apenas numa relação dos “órgãos genitais”.

Com base nos Estudos Culturais podemos então problematizar não só a educação, a sexualidade, mas até o nosso próprio olhar que se destina a não ver, o a tornar invisível as discussões que permeiam a questão da diversidade.

É necessário rever a nossa própria maneira de observarmos, buscando ver os mendigos e as crianças nos semáforos da educação infantil. É claro que tal postura nos assusta, mas o medo é um sentimento que não pode nos impedir de conhecermos e repensarmos.

Considerações Finais

Eduque seu olhar, não devemos naturalizar uma normatização que molda os sujeitos, nosso olhar está contaminado pela cultura que naturaliza os comportamentos e institui a norma (CASTRO, 2011).

Não basta abrir os olhos se não problematizarmos o que vemos. Não basta vermos o mendigo se para ele não olhamos. Não adianta silenciar os discursos, os ditos e não ditos, as diversidades, as sexualidades e o gênero, a educação; transgressões e resistências insistem em nos “incomodar”.

Ao adentrar o espaço, o mendigo poderá projetar transformações nas pessoas ali presentes, suscitará sentimentos que talvez pela insensibilidade das naturalizações, os sujeitos não as sintam mais. O mendigo como representação simbólica da diversidade, da diferença, da alteridade desempenha a função de possibilitar às pessoas presentes no espaço uma verdadeira experiência. Uma experiência singular, como também são singulares as identidades culturais, como são singulares os sujeitos.

Experiência aqui num sentido que é proposto por Jorge Larrosa Bondía:

(...) a experiência é, em espanhol, ‘o que nos passa’. Em português se diria que a experiência é ‘o que nos acontece’; em francês a experiência seria ‘ce que nous arrive’; em italiano, ‘quello che nos sucede’ ou ‘quello che nos accade’; em inglês, ‘that what is happening to us’; em alemão, ‘was mir passiert’.

(...) A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (BONDÍA, 2002, p. 19)

É procurar entender o que o mendigo traz é a possibilidade de que algo nos aconteça, de que algo nos chegue, ou chegue até nós. O que a representação desse sujeito pode suscitar em nós as problematizações que necessitam ser apresentadas.

(...) vamos agora ao sujeito da experiência... o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (BONDÍA, 2002, p. 24)

É procurar entender que a experiência do mendigo possa ampliar nosso olhar para o caminho de passagem, para o território de passagem que somos, para que tenhamos a possibilidade de entender que as problematizações acerca das temáticas inicialmente propostas necessitam transitar por nós.

(...) Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em que encarna (BONDÍA, 2002, p. 27)

É procurar entender que nos diversos questionamentos a que nos propusermos, estaremos lidando com (re)construções das identidades culturais numa perspectiva das singularidades. Naturalizar ou criar normatizações podem promover o ocultamento das temáticas de gênero e sexualidades, da diversidade, do olhar, do mendigo, do lixo, da educação. Enfim, o mendigo aqui torna-se uma representação simbólica da transgressão e/ou da resistência às essas normatizações, como possibilidade focar a diversidade interdita.

Referências

BONDÍA, J.L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação., v.26, n.9, p.20-9, 2002.

CASTRO, Roney Polato de. Conversando sobre educação, escola e pedagogias culturais. *Jornal Teares* nº 5. Ano I. Março/2011

Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988.

FOUCAULT, Michel A ordem do discurso, aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970, tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio, 20ª ed., Edições Loyola, São Paulo, 2010.

FURLANI, Jimena. Sexos, sexualidades e gêneros: monstruosidades no currículo da Educação Sexual. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, n. 46, dic. 2007 .

GRÉGIS, Rosi Ana. A alteridade no monólogo. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 4, n. 6, março de 2006. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

LARROSA, Jorge *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*, 4ª ed., texto de Jorge Larrosa, tradução de Alfredo Veiga-Neto, 4ª ed., 3ª imp. – Belo Horizonte; Autêntica, 2006.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. *Dicionário de Teatro*. L&PM Editoras, São Paulo, 1987.